

César Evangelista Fernandes Bressanin
José Maria Baldino
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida
(Orgs.)

EDUCAÇÃO
HISTÓRIA
MEMÓRIA e
CULTURA
em DEBATE

VOLUME 4

Educação e Cultura em Diferentes Espaços Sociais



Este e-book “Educação, História, Memória e Cultura em Debate”, em seu quarto volume, que tem como subtítulo “Educação e Cultura em diferentes espaços sociais”, é resultado de parte dos trabalhos apresentados durante o I Colóquio Internacional do Diretório/Grupo de Pesquisa “Educação, História, Memória e Cultura em diferentes espaços sociais-CNPq-HISTEDBR” (DGP – EHMCS – CNPq - HISTEDBR), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) entre os dias 19 e 21 de maio de 2021, no formato online. Um dos objetivos do DGP-EHMCS-CNPq-HISTEDBR é produzir e organizar o corpus das pesquisas sobre a educação em seus diferentes níveis, processos, modalidades e espaços sociais além do processo de levantamento, organização e catalogação das inúmeras fontes sejam escritas, imagéticas, orais, materiais ou imateriais sobre a temática nos estados federativos de abrangência do coletivo de pesquisadores e estudantes nele inseridos. As investigações realizadas pelo DGP-EHMCS-CNPq-HISTEDBR têm o intuito de ecoar a ampliação teórica da área da Educação em seus diferentes aspectos e espaços, sejam formais ou não formais.



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BRESSANIN, César Evangelista Fernandes; BALDINO, José Maria; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de (Orgs.)

Educação, História, Memória e Cultura em Debate - Volume IV: Educação e cultura em diferentes espaços sociais [recurso eletrônico] / César Evangelista Fernandes Bressanin; José Maria Baldino; Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

432 p.

ISBN - 978-65-5917-247-4

DOI - 10.22350/9786559172474

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação; 2. História; 3. Memória; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Sumário

Apresentação 11

César Evangelista Fernandes Bressanin
José Maria Baldino
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida

Prefácio 15

Raimundo Márcio Mota de Castro

Capítulo 1 19

O esgotamento profissional e *burnout*: realidade prática dos professores em tempos de pandemia

Leandra Fernandes Procópio
Bárbarah Victória de Oliveira Gomides Rietjens
Dulcéria Tartuci

CAPÍTULO 2 40

O diretório/grupo de pesquisa “educação, história, memória e cultura em diferentes espaços sociais” e sua produção acadêmica

César Evangelista Fernandes Bressanin
José Maria Baldino
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida

Capítulo 3 58

Procedimentos e técnicas para a organização do currículo lattes

César Evangelista Fernandes Bressanin
Maria Célia da Silva Gonçalves

Capítulo 4 71

Produção acadêmica

César Evangelista Fernandes Bressanin
Maria Célia da Silva Gonçalves

Capítulo 5 85

Escrita acadêmica criativa: narrativa prazerosa com rigor científico

João Alberto Steffen Munsberg

Capítulo 1

O esgotamento profissional e *burnout*: realidade prática dos professores em tempos de pandemia

Leandra Fernandes Procópio¹
Bárbarah Victória de Oliveira Gómes Rietjens²
Dulcéria Tartuci³

1 Introdução

A docência é reconhecida mundialmente como uma profissão de risco e com a chegada inesperada da pandemia pela COVID-19 estudos indicam um acréscimo do mal-estar docente, do estresse e, como consequência, o *Burnout*. A profissão docente é desvalorizada, não só no Brasil, mas em vários outros países. Fernandes (2011, p. 49) afirma que

Ser professor requer mais do que domínio de conhecimento epistemológico e pedagógico, requer o desenvolvimento de capacidades psicológicas e sociais capazes de o ajudar na superação dos desafios profissionais e pessoais inerentes à vida e à profissão.

O alto nível de exigência do mercado de trabalho em conjunto com a grande competitividade e instabilidade gera vulnerabilidade e insatisfação aos profissionais da educação, favorecendo casos de esgotamento profissional (CARLOTTO, 2002). O *Burnout* é reconhecido como um transtorno psíquico proveniente de um estado de exaustão vital descrito

¹ Doutora em Educação e Pós Doutora em Psicologia. Professora da Universidad Autónoma de Madrid (Departamento de Pedagogia) e da Universidad Complutense de Madrid (Departamento de Investigación en Psicología Educativa), Espanha, leandra.procopio@uam.es

² Licenciada e Bacharel em Psicologia (UFG) e Mestranda do PPGEDUC/UFG/ Regional Catalão / UFCAT (Em transição), bolsista CAPES, barbarahvog@hotmail.com

³ Professora Dra. do PPGEDUC/UFG/ Regional Catalão / UFCAT (Em transição) dtartuci@gmail.com

na Classificação Internacional de Doenças (CID), versão 2010, pelo código Z73 como problemas relacionados com a organização de seu modo de vida.

Desde 1999 o Ministério da Saúde do Brasil insere, por meio da portaria n. 1339, o *Burnout* ou também chamado de “Síndrome do Esgotamento Profissional” como uma doença relacionada com o trabalho enquadrado dentro dos transtornos mentais relacionados com o trabalho.

O *Burnout* é uma palavra de origem inglesa (*burn out*) que significa queimar por completo ou estar queimado e é encunhado por Freudenberg desde 1974 e muito desenvolvido por Maslach desde os anos 1980 para referir-se a um quadro de exaustão emocional grave provocado por um prolongado período de estresse, muito comum em algumas profissões onde as relações humanas são predominantes, tais como: professores, assistentes sociais, médicos, enfermeiros, psicólogos, policiais, bombeiros, agentes penitenciários, bancários, atendentes de telemarketing, entre outras.

O *Burnout* se constitui em um processo gradativo, individual e evolutivo que pode demorar anos ou décadas para se manifestar levando a uma sensação de fracasso e incapacidade. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002). Traz impactos à saúde física e mental do trabalhador, acarretando queda da produtividade e conseqüentemente na qualidade de vida.

No caso específico da profissão docente Paschoalino afirma que

Inicialmente traduzido como esgotamento do professor, o termo pode ser traduzido por sair queimado, e representa como o professor vem se sentindo perante o trabalho. O termo professor queimado representa os acúmulos de insatisfações que se avolumam no trabalho do professor e minam seu desempenho, queimando suas esperanças e suas disposições (PASCHOALINO, 2009, p. 67).

Benevides-Pereira (2002), Codo e Vasques-Menezes (1999) e Carlotto (2002), entre outros autores, realizaram estudos sobre esta síndrome em trabalhadores da educação, e alertam que o *Burnout* pode estar presente em qualquer profissional envolvidos no cenário educacional, sejam eles auxiliares administrativos, diretores, coordenadores ou professores. Apontam ainda, as características do trabalho e das relações interpessoais no âmbito educativo como fatores que favorecem o surgimento da síndrome, evidenciando que a gestão escolar participativa tem um papel fundamental para a manutenção de um ambiente educativo ameno e saudável (PASCHOALINO, 2009).

Muitos são os fatores ou antecedentes psicossociais que podem levar ao aparecimento da síndrome em profissionais do âmbito educativo, porém, os mais evidentes são: carga laboral excessiva, expectativas não cumpridas, relações humanas conflituosas, más condições laborais, preocupações profissionais, falta de reconhecimento e apoio profissional, a indisciplina e violência nas escolas, uma gestão autoritária que interfere no processo de autonomia e identidade do trabalhador, entre outros.

Como é característico de uma síndrome, se vai manifestando gradativamente e por meio de outras enfermidades ou sintomas podem ir se agravando. O estresse crônico obtido a longo prazo pode dar início ao estágio leve do *Burnout* onde se podem observar a nível físico dores de cabeça e musculares, cansaço, fadiga, ansiedade, gripes, dores no peito, pequenas alergias e a nível emocional frustração, desesperança, irritabilidade, queda da motivação laboral.

A persistência dos antecedentes vistos anteriormente pode levar ao agravamento dos sintomas leves, a baixa da imunidade, começando a afetar a concentração, a memória, a atenção, acarretando insónias, dificuldades em se relacionar sobretudo com os alunos e colegas de trabalho o que evidencia um aumento do distanciamento e da indiferença.

Também é comum surgirem sentimento de culpa, irritabilidade, esgotamento e frustração assim como se torna evidente o aparecimento de reações comportamentais e físicas antes de chegar ao trabalho, como: choro sem motivo aparente, taquicardia, alergias, crises nervosas, entre outros. Nesta fase moderada começam a aumentar os pedidos de baixa médica, absentismo ou mesmo o ausentismo laboral.

Uma vez não controladas as situações que desencadeiam todos estes sintomas físicos e cognitivos, o profissional pode chegar ao estado grave da doença, onde além do agravamento de todos os sintomas e enfermidades antes descritas, podem ser observadas aversão à profissão, depressão, crises existenciais, início ou aumento do consumo de psicofármacos, álcool, drogas ou qualquer tipo de comportamento aditivo ou de evitamento relativamente às situações ligadas ao trabalho. Nesta fase já são evidentes as 3 dimensões básicas que devem ser observadas para que se considere como *Burnout*: esgotamento emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal no trabalho (PINES; ARONSON, 1981). Como consequência se observa perda progressiva do idealismo, energia e propósito para realizar a atividade laboral (EDELWICH; BRODSKY, 1980).

A curiosidade em explicar o fenômeno do Burnout tem transpassado os estudos sobre o desenvolvimento da síndrome e existem alguns modelos e abordagens sobre as dimensionalidades do *Burnout*. Carlotto (2002) enfatiza em cinco elementos comuns:

- 1) existe a predominância de sintomas relacionados à exaustão mental e emocional, fadiga e depressão; 2) a ênfase nos sintomas comportamentais e mentais e não nos sintomas físicos; 3) os sintomas do Burnout são relacionados ao trabalho; 4) os sintomas manifestam-se em pessoas “normais” que não sofriam de distúrbios psicopatológicos antes do surgimento da

síndrome; 5) a diminuição da efetividade e desempenho no trabalho ocorre por causa de atitudes e comportamentos negativos (CARLOTTTO, 2002, p. 23).

Os autores Codo e Vasques-Menezes (1999), ainda apontam que a exaustão emocional (refere-se ao desgaste, perda de energia, debilitação, esgotamento e fadiga) como elemento central da síndrome, deste modo, vem a desencadear a despersonalização (refere-se a atitudes negativas em relação às pessoas do trabalho, irritabilidade) e também a baixa realização profissional (refere-se à diminuição da produtividade ou capacidade, seguida de sentimentos de inadequação) que passam a compor modelo tridimensional que fomenta grande parte nos estudos sobre a temática.

A pesquisa sobre este tema cresceu nos últimos 40 anos, tendo o ambiente escolar e os docentes recebido uma especial atenção por parte dos pesquisadores. Desde 2020 a realidade do ensino sofreu um duro impacto no estado de saúde física e mental dos professores. A nossa realidade prática conta agora com uma variável a mais: devido a pandemia da COVID-19 medidas excepcionais de ensino remoto passaram a ser adotadas durante o estado de calamidade pública e os docentes tiveram que substituir uma docência completamente presencial por metodologias e recursos com base em:

Vídeos, conferências on-line, mensagens, lives, áudios, imagens e sons, tudo junto e misturado. Professores, alunos e seus responsáveis, criando em tempo recorde táticas de sobrevivência a uma demanda de ensino, muitas vezes massivo e unidirecional, o chamado ensino remoto. (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 219)

O distanciamento social obrigou instituições de ensino a suspender as aulas presenciais ocasionando a demissão de professores temporários, estagiários e funcionários de limpeza e alimentação contratados por empresas terceirizadas. Mais do que isso, instituições de ensino e professores recorreram dentro do que a infraestrutura, os recursos financeiros, o suporte tecnológico e o plano pedagógico lhe permitiam para que as aulas não parassem.

Posto isso, nos gerou uma dúvida: Como está a saúde do professor, que já foi afastado da docência por diagnóstico de *Burnout*, esgotamento emocional, outro tipo de enfermidade mental ou de risco psicossocial, mas, que está integrado na escola tendo que fazer frente à nova realidade do ensino remoto?

O objetivo deste artigo está em analisar as novas relações de trabalho desse professor ou profissional da educação que, em razão da COVID-19 passa a atuar longe do ambiente escolar, e quais as implicações deste novo modo de trabalho para a saúde física e mental. As justificativas que nutriam essa escolha estão em proporcionar discussões atuais acerca da saúde do profissional da educação a partir da variável ensino remoto. O mérito está em abrir espaço, no campo da investigação empírica, para a importante aproximação entre a relação do trabalho docente e o *Burnout*.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

Para responder à problemática proposta foi desenvolvido um estudo qualitativo com enfoque da Teoria Histórico Crítica de Marx (1980) e Vygotsky (2001), considerando que o trabalho produz uma mudança apreciativa nas formas de relação entre os seres humanos, gerando a necessidade da linguagem e comunicação.

A proximidade entre o marxismo e as concepções advindas da teoria histórico-cultural pode ser comprovada através da discussão acerca do conceito de trabalho, abordado por Marx e Engels e que foi retomado por Vygotsky a partir da ideia de mediação (SANTA; BARONI, 2014, p. 2).

Ainda, através da Psicologia Histórico-cultural refletimos sobre o significado do processo educativo na humanização do indivíduo e sobre a contribuição do professor nesse processo. Portanto, através de suas relações sociais por intermédio da linguagem, constituem-se e desenvolvem-se como sujeitos. Unido a esta perspectiva teórica se recorre também ao materialismo histórico-dialético que nomeia o trabalho como essência humana, neste sentido, analisamos especificamente o trabalho docente. Logo, temos em nossa pesquisa o ser humano como um ser social e heterogêneo, que se contrapõe, desenvolve, complexifica de maneira a relacionar-se com a sociedade e às vezes a contrapõe.

A presente pesquisa foi concretizada em um município do leste goiano brasileiro que computa cerca de 58.000 habitantes e conta atualmente em torno de 400 professores da rede pública de ensino. Para a coleta de dados de acordo com nosso objetivo, utilizamos como critério para a seleção de participantes da pesquisa, professores que haviam sido afastados do seu exercício laboral devido ao esgotamento profissional, síndrome de *Burnout*, desgaste emocional ou estresse laboral crônico e que estão atuando profissionalmente durante a pandemia da COVID- 19.

A fonte de dados da pesquisa são as entrevistas semiestruturadas realizadas durante o mês de março de 2021, 1 ano após o isolamento social, com as 4 professoras que reuniram os critérios de inclusão para a presente investigação. Através das entrevistas procura-se explorar os contextos e as condições que levaram ao adoecimento e como estavam enfrentando a

nova realidade durante o período de aulas remoto e confinamento social. A respeito da entrevista, Manzini (2004) pontua que,

pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem (MANZINI, 2004, p. 9).

Para análise dos discursos obtidos pelas entrevistas utilizaremos excertos⁴ das falas transcritas, que serão apresentados em formatação distinta das citações. A análise discursiva permite que o pesquisador olhe para o texto, entenda os efeitos de sentido relacionados ao discurso e preocupando-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta por meio dele e o processo envolvido naquele texto. (BATISTA, 2006)

De acordo com Gonçalves (2016), a análise do discurso trabalha com o sentido (verbais ou não verbais) e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas sim produzido em sua materialidade. Permitindo que o pesquisador olhe para o texto, entenda os efeitos de sentido relacionados ao discurso e preocupando-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta por meio dele e o processo por trás envolvido naquele texto.

2.2 Amostra

Como vimos anteriormente, o *Burnout* é uma síndrome que se compõe por uma série de enfermidades que podem ser distintas em cada sujeito e também são vários os fatores laborais, relacionais e pessoais que podem contribuir para seu aparecimento. Por isso é muito importante

⁴ excertos estarão em formatação itálico.

conhecer as trajetórias profissionais assim como o processo de surgimento do Burnout até o momento do diagnóstico, o afastamento e a posterior incorporação ao ambiente escolar, tentando compreender por fim como a pandemia está afetando o estado emocional e físico do docente.

Cada sujeito traz em sua história marcas de uma trajetória única com um conjunto de experiências singulares que o vai compondo. A seguir serão apresentadas cada uma das mestras que compõem nossa amostra tendo em conta 3 aspectos que consideramos importantes (idade, tempo de atuação docente e diagnósticos recebidos):

Quadro 1: Professoras participantes da pesquisa.

Docente	Idade	Tempo de atuação	Diagnósticos
P1	39 anos	12 anos	Transtorno de ansiedade, Desgaste emocional.
P2	45 anos	26 anos	Transtorno depressivo; Crises de ansiedade; Síndrome de <i>Burnout</i> ,
P3	45 anos	27 anos	Desgaste emocional. Alopecia;
P4	60 anos	30 anos	Esgotamento emocional; Fibromialgia; Agorafobia.

Fonte: excertos das entrevistas. Elaboração própria.

A professora 1 (P1) possui 39 anos, é licenciada em Biologia e também em Pedagogia com especialidade em Educação Infantil. Durante os 12 anos de docência já lecionou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Primária e Infantil. Após os primeiros 8 anos lecionando, em 2017, se deu o início da fase de adoecimento, com o aparecimento de várias crises de ansiedade e desgaste emocional decorrente do ambiente de trabalho. Desde então foi progressivamente se afastando da sala de aula até atuar exclusivamente como coordenadora pedagógica.

A professora 2 (P2) tem 45 anos de idade e 26 anos de profissão. Possui magistério e posteriormente graduação em Pedagogia com especialidade em Educação Especial. Começou sua carreira no ensino básico e nos últimos 11 anos atua na sala de recursos multifuncionais de uma escola referência em Educação Especial. Seu processo de desgaste e

adoecimento ficou mais evidente no início em 2017, após 22 anos de sala de aula, onde apresentou crises de ansiedade, transtorno depressivo e *Burnout*. Em decorrência disso foi afastada, recebendo alta após 1 ano e meio de tratamento.

A Professora 3 (P3), 45 anos, possui como primeira formação o magistério e posteriormente licenciatura em Pedagogia. Tem 26 anos de experiência docente tendo trabalhado no Supletivo do 2º grau, EJA, Educação Infantil em contraturno na Rede Particular de ensino, e atualmente está no Ensino Fundamental I. Durante sua carreira tinha fases em que se sentia emocionalmente cansada, porém foi com 21 anos de sala de aula que ocorreu o agravamento do desgaste emocional levando ao aparecimento de pequenas complicações de saúde. A queda de cabelo foi o mais evidente e se agravou, chegando a ter alopecia de 2015 até 2018. Não se afastou completamente da escola, tendo reduzido sua carga horária durante esse período e atualmente, atua como coordenadora (rede pública) e também professora (rede particular).

A Professora 4 (P4), 60 anos, também possui como primeira formação o magistério e posteriormente licenciatura em Pedagogia. Atualmente com 30 anos de carreira, relata que os primeiros sintomas apareceram em 2000 com a perda da voz, desgaste emocional e o agravamento se deu em 2018, após 27 anos de carreira, com o surgimento de esgotamento emocional, fibromialgia e Agorafobia. Ficou afastada durante 1 ano e atualmente atua como coordenadora. Solicitou transferência após seu retorno devido a dificuldade de permanecer na mesma escola.

Do total da amostra, 2 (P2 e P3) estão atuando durante o período das entrevistas diretamente no ensino remoto como professoras e 2 (P1 e P4) estão atuando de maneira remota como coordenadoras. Apresentaremos de seguida alguns resultados encontrados.

2.3 Apresentação e discussão dos resultados

A pesquisa qualitativa a qual propomos possibilitou analisar algo mais profundo das ações e relações humanas, uma vez que, não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundar da compreensão de um grupo social ou de uma organização (MINAYO, 1993). Como afirmado anteriormente foi adotado para a discussão dos resultados o viés do materialismo histórico-dialético por considerar a historicidade do ser, bem como os determinantes econômicos, políticos e culturais que o afetam.

O sujeito desta investigação é um profissional da educação historicamente constituído com um ideal de “ser professor” forjado desde o tempo do filósofo grego Sócrates, e que atualmente se vê há 1 ano lidando com uma nova realidade que é o trabalho remoto emergencial. Sendo esta pesquisa muito mais ampla⁵, serão apresentadas aqui parte do resultado encontrado e que estabelecem um elo com o objetivo proposto neste trabalho.

Foi solicitada aos profissionais entrevistados que comentassem sobre as situações que geram estresse e desgaste emocional com relação ao trabalho remoto. A professora P1 e P3 relatam:

A cobrança é muito grande. Não tem hora mais, não tenho dia da semana, ... às vezes com a coordenação e a escola passo todo o dia na frente do computador. ... de manhã eu tenho 10 grupos e eu tenho que participar deles do momento que a sirene toca, até a última turminha. (P3)

Como professora você transforma uma parte da sua casa em sala de aula, porque tem que separar em sua casa tudo aquilo que você precisa ter em mãos para dar aula. Você não pode estar pausando todo momento o vídeo, então por

⁵ A presente pesquisa é vinculada a dissertação de mestrado “Narrativas da Trajetória Profissional Docente e a Síndrome de Burnout” desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Catalão (UFCAT) (em transição) /Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG-RC).

estar atendendo o seu aluno você acaba trabalhando em um certo nicho. Vou na cozinha pegar uma tampa da panela, pegue uma forma de fazer pizza, entrego tudo para o ambiente, porque à medida que vou falando eu vou pegando os materiais que eu tenho trabalhado e o aluno tem acesso em casa. Isso exige muito de mim. (P1)

Vygotsky (2006), sempre pontua que o professor não é o único mediador possível -defende que existem mediadores sociais, mapas, revistas, livros, dentre outras ferramentas- porém, o professor é o mediador mais importante para o desenvolvimento da atividade pedagógica, porque é ele quem planeja e direciona a aprendizagem do aluno. O contexto de distanciamento social evidenciou ainda mais que, por mais que tenhamos diversos recursos, a mediação do professor é fundamental para que o conhecimento se efetive no estudante.

Segundo Martins e Almeida (2020), a atuação *online* dos professores é incrementada por desafios rotineiros, como, a falta de retorno dos alunos sobre as atividades, a oscilação da conexão com a internet, os diferentes horários para atender a todos os pais e alunos e a dificuldade em conciliar atividades profissionais e domésticas. Os relatos das nossas professoras evidenciam o agravamento do cansaço e do esgotamento vivido durante o trabalho remoto com uma perda na qualidade de vida devido ao excesso de horas e carga laboral:

Me levanto 5h30 da manhã pra fazer tudo que eu tenho de fazer na minha casa, deixar o café da manhã pronto, porque quando começa acabou. Aí está, e vem almoço muita das vezes eles mesmos fazem, ((filhos)) eles trazer água pra mim, enquanto eu estou sentada.... Acaba que fica sendo consumida por isso, e não tem horário. Aí a tarde começa outra aula, pai ligando é aluno no privado, aí vem a coordenação inteira, a minha escola é muito grande aqui no município é a maior dentro da cidade, então é sempre assim.... (P3)

e nesse momento de pandemia eu não tenho um horário de trabalho, eu tenho que começar às 7h15 da manhã e terminar às 17h30 da tarde, eu sei que tem aquele aluno que o pai chegou do serviço às 19h00 da noite e vai acessar as 20h00 da noite e se ele tiver dúvida como é que eu vou fazer?... (P1)

A pandemia definitivamente transformou nossos hábitos e costumes, a casa que é abrigo e espaço de acolhida para o professor, agora é também o lócus da exaustão intelectual – por vezes, física e emocional. Seja em casa, seja sozinho ou acompanhado por familiares, estamos aprisionados em nós, sem saber quando voltaremos à sociabilidade, tendo que manter rotinas esvaziadas. (LIMA, 2021).

Com a atual realidade que afeta mundialmente a todas as nações, o professor foi um dos profissionais que seguiu atuando na linha de frente mesmo quando parte do mundo laboral parou. Seguir mantendo o ânimo e a boa disposição perante os alunos e pais mesmo quando internamente está desacreditado e com medo é muito desgastante. Muitos docentes tiveram que lidar diretamente com os pais dando respostas às suas expectativas e dificuldades e sobre isso P4 comenta, “*eu fico apavorada de ver, me coloco no lugar delas de forma que eu não daria conta, eu acho que eu não daria conta. Tudo isso me provoca ansiedade*”.

As consequências do fechamento das escolas estão sendo observadas em todos os âmbitos, afetando não só o sistema educacional, mas também aspectos da vida pessoal de cada um dos envolvidos. O que se assiste com as recentes modificações acrescidas no mundo do trabalho docente corroboram para a existência de um cenário desafiador e desgastante,

(...) e agora com essa pandemia, emocionalmente falando, para mim foi um desastre! Aí até que com a terapia, aí a gente foi, eu fui aprendendo a lidar, aprender a aceitar a mudança, e aprendendo... eu lembro o dia que ela falou ((risos)) ela falou assim: “O que que vocês têm mais dificuldade?” Isso na terapia né... Eu falei: “Fazer vídeos!” (P2)

(...) assim é tão complicado, e não ter valor, eu estou achando muito puxado. Na semana passada mesmo, a muito tempo não me sentia assim, eu estava tão triste, que eu não estava nem conseguindo falar. Eu não gosto de falar com meus filhos sobre o que estou sentindo e então eu ficava chorando... chorando (...). (P3)
“sinto-me bem mais afetada, eu diria” (P4)

Não há ainda muitos resultados sobre a saúde do professor depois do ensino emergencial remoto, entretanto, a realidade já sinaliza para implicações negativas consideráveis. Gusso, *et al* (2020) aponta algumas possíveis consequências:

a) baixo desempenho acadêmico dos estudantes; b) aumento do fracasso escolar; c) aumento da probabilidade de evasão do Ensino Superior; e, d) desgaste dos professores, que estiveram sobrecarregados pelas múltiplas atividades e pelos desafios de lidar com a tecnologia a fim de promover o ensino (GUSSO *et al*, 2020, p. 5).

É preciso olhar cuidadosamente ao professor, peça fundamental no processo de aprendizagem. As novas adaptações laborais, estar distante fisicamente mais presente virtualmente em tempo integral, demandou uma sobrecarga laboral sem precedentes frente aos aparelhos eletrônicos e aos novos recursos das plataformas virtuais. A P4 demonstra quão desgastante é esse processo de adaptação: *“É muito tenso! Eu acho muito difícil, pois precisamos ter muito jogo de cintura, principalmente as professoras, elas trabalham incansavelmente”*.

O professor é aquele que ensina todas as outras profissões, capacita e aponta caminhos, mas como é possível prosseguir quando tudo limita esse caminhar? Encontramos em nossa pesquisa professores em um estado de cansaço, sobrecarga, medo e enfado preocupante. Note que,

O professor tem que gravar vídeo aula, tem que editar a vídeo aula, tem que passar a vídeo aula para o aluninho, tem que atender o seu aluno em todos os horários, os quais os alunos podem e os pais podem auxiliar. Então assim, acaba sendo uma diversidade de horário, não tem nem horário de início nem de final.” (P1).

Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) são pesquisadores da síndrome de *Burnout* e afirmam que o excesso de trabalho tem uma relação consistente com o *Burnout*, no entanto, em meio a esse panorama assustador e conturbado que a doença da COVID-19 ocasionou, não é apenas a sobrecarga que nos preocupa. Martínez-López *et al* (2020) diz que é esperado que as pessoas tenham crises de ansiedade, depressão, solidão, aumento da agressividade e da irritabilidade, provenientes de uma despersonalização da sua identidade como docente, uma sobrecarga de trabalho e uma perda de expectativa. Vejamos os relatos:

Eu sofri, não vou mentir para você não, eu sofria, eu chorava, eu tive depressão, eu tive crise de ansiedade. Eu comecei a ter crise... Teve dia que eu não saía nem no quintal, eu já tive uma semana assim que eu falava boa tarde no grupo, não tinha muita coisa, os pais não pronunciavam muito, eu enfiava embaixo da coberta e eu ficava. (P4)

O ano passado, em 2020, eu tive três crises de ansiedade severa que eu fui parar no UPA carregada, porque eu tenho problema de asma, só que eu quase não tenho crise de asma, eu sei, eu lembro da primeira crise que eu dei, foi bem assim... é, bem no iniciozinho mesmo, na primeira semana que falou do fechamento geral né. (P2)

As adaptações que se fizeram necessárias neste período pandêmico e apontam para mudanças sem possibilidade palpável de retorno. No sistema educacional nasce a demanda constante de reinvenção no papel “ser professor”. O poeta contemporâneo Lima discursa sobre esse período,

Este isolamento, talvez, contribua para que possamos ficar quietos por um momento, repensando sobre o que é verdadeiramente importante para nós, sobre as novas formas de produção de presença, sobre os modos de ser e habitar a contemporaneidade, enquanto humanidade e enquanto indivíduos, sobre aquilo que fazemos por nós mesmos e pelo outro, e sobre como podemos nos tornar pessoas melhores (LIMA, 2021, p. 72).

Após 1 ano de pandemia e apesar de todo o desgaste e insegurança vividos neste período, se verifica neste grupo investigado que existe uma tentativa positiva de adaptar se à nova realidade, assim como, predisposição para desenvolver novas competências e habilidades. Observe o relato: *“entramos na fase de conformismo né... acho que agora nós estamos conformados com a situação... o jeito é aceitar, então, é para ser assim? tem que ser assim? então...vou tentar fazer o melhor possível!”* (P2).

Todavia, a adequação e tentativa de adaptação não simboliza a ausência de estresses, desgastes e dificuldades. Devido às características da profissão, o desgaste emocional faz-se presente defronte aos diversos problemas e estopins que dificultam uma atuação profissional tranquila. Perceba no discurso da P3 *“Estou achando bem complicado, mas se você me perguntar: Você está segura para voltar hoje? Não, eu tenho medo! Também quero muito voltar, eu choro, mas eu tenho medo por não ter vacinado ainda, por ter meus pais que são idosos...”*

Notoriamente, essa realidade de isolamento social e o quadro laboral em que os professores estão sendo colocados exige muito mais do que criatividade e maturidade para que o equilíbrio emocional seja mantido. Requer planificação adequada e tomada de medidas e cuidado a nível pessoal e organizacional. É necessário que as Secretarias de Educação e as equipes que dirigem e coordenam as escolas estabeleçam horários e diretrizes que organizem novas estratégias de atuação docente que levem

em conta o bem-estar físico e emocional dos professores. Que colaborem com a formação e preparação de um professor emocionalmente inteligente que saiba cuidar-se, impor horários de trabalho adequados e valorizar sua prática docente e que sejam sobretudo sensíveis a todos os sentimentos de angústia, insegurança e sensação de vazio pelo que vivem os docentes e todos os profissionais do âmbito educativo.

Isso deve acontecer urgente, porque o Instituto de Ciências Integradas (INC) publicou um Guia de Saúde Mental Pós-pandemia no Brasil onde alerta para os cuidados com a quarta onda que prevê o “aumento de transtornos mentais e do trauma psicológico provocados diretamente pela infecção ou por seus desdobramentos secundários” (INC, 2021, p. 16) Também destaca que, uma vez exposta a distintos cenários traumáticos como pode ser: haver perdido familiares ou amigos, haver sido infectado pelo vírus da COVID-19, ter vivido situações de ruptura das relações afetivas, entre muitas outras vividas nos âmbitos laborais, se pode elevar “o risco para desenvolver ou agravar transtornos mentais já existentes” (INC, 2021, p. 17).

3 Considerações finais

Estamos sob a premissa de que a volta às aulas de maneira totalmente presencial, ainda é um cenário incerto neste ano de 2021. Frente a todas as demandas desta nova realidade exposta anteriormente verificamos que existe uma epidemia oculta que se esconde por de trás de cada crise de ansiedade, cada sintoma ou enfermidade que surge silenciosamente sem que se relacione diretamente com o *Burnout* ou algum outro problema mental.

Dados do INC (2021), evidenciam que os transtornos mentais devem ser vistos com potencial preocupação por parte da sociedade, “tanto do ponto de vista da saúde individual quanto para a saúde coletiva” (INC,

2021, p. 18) e que igualmente se pode verificar o aumento de novos casos de transtornos mentais “mesmo em quem antes nunca havia manifestado qualquer sintoma psiquiátrico” (INC, 2021, p.18). No caso dos que já possuem algum histórico de problemas emocionais, como são nossos docentes investigados neste estudo, esses cuidados devem ser redobrados tanto por parte do indivíduo como das organizações.

A vida cotidiana dos professores que trouxemos neste trabalho é fruto das transformações presentes em cada relação estabelecida em seus desdobramentos, pois enquanto há vida, há também transformações, inseguranças, receios e medos. É, todavia, incerto se, com o passar do tempo, estes profissionais possam, ou não, desencadear novas crises e reincidência da Síndrome, o que verificamos pelos relatos é que durante o período de confinamento social seguido de classes remotas, as crises de ansiedade, os momentos de tristeza, ansiedade, choro e esgotamento físico e mental voltaram a fazer parte da vida destes profissionais que já haviam recebido alta e estavam de volta aos seus ambientes de trabalho tentando um novo começo.

Os antecedentes da síndrome de *Burnout* são multifatoriais e estão ligados aos fatores macrossociais e sócio-históricos vivenciados tanto no trabalho quanto no modo de vida pessoal que cada um vive durante o contexto da pandemia, porém o que os relatos evidenciam é que há indícios de sobrecarga de trabalho, despersonalização do papel que conhece como docente e falta de realização laboral com esta nova demanda laboral virtual. Estes 3 fatores são cruciais para compor a síndrome de *Burnout* e devem ser levados em conta. Por isso, mais uma vez queremos evidenciar que, mesmo em uma amostra reduzida de 4 profissionais, fica evidente o reaparecimento de sintomas físicos e emocionais nestas docentes.

É por isso que, se faz necessário um olhar atento à saúde mental dos educadores, promover um ambiente saudável de trabalho, favorecer momentos para os cuidados pessoais e de estratégias de *cooping*; como também, melhorar as condições de trabalho em formato home office e/ou presencial que devem acompanhar as novas configurações e experiências garantindo o mínimo de estabilidade, autonomia e segurança para exercer o ofício de professor.

Em muitos momentos as professoras relatavam em palavras e pelo olhar o pavor do improvável, que é plural nesta realidade que vivemos. As experiências da morte, seja em massa como temos vivido ou de algum ente querido, implica no sujeito à necessidade de tomada de consciência e elaboração. Sensações que completam a assertiva de que a atuação remota sem uma assistência adequada das necessidades do docente não favorece o bem-estar, nem mesmo contribui para a manutenção de um ambiente educativo ameno e saudável para atuação docente, como sugere Paschoalino (2009), mas o contrário a isso, afeta a qualidade de vida e aumenta a sensação de esgotamento profissional.

Referências

- BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T.. O processo de adoecer pelo trabalho. *In: Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador.* (p. 21-91). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BATISTA, J. F. **Atividades de Leitura: Uma Análise Discursiva.** 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2006.
- CARLOTTO, M. S. A Síndrome de Burnout e o Trabalho Docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002.
- CODO, W.; VASQUES-MENEZES. Burnout: “síndrome da desistência”. *In: CODO, W.* (coord.) **Educação: carinho e trabalho.** Petrópolis, Vozes, 1999.

EDELWICH, J. e BROSKY, A. Burnout: stages of disillusionment in the helping profession. Nova York: **Human Sciences Press**, 1980.

FERNANDES, Leandra V.. **Stress no estágio pedagógico: estudo comparativo entre Portugal e Brasil**. 2011. 346f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Aveiro. Portugal. 2011.

GONÇALVES, A. T. P. (2016). Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. Administração: **Ensino e Pesquisa**, 17(2), 275-300. <https://doi.org/10.13058/raep.2016.v17n2.323>

INSTITUTO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS (INI). **Guia de Saúde Mental Pós-Pandemia/** Coordenado por Luis Augusto Rohde et al.. Upjohn/Pfizer, 2020.

GUSSO H. *et al.* Ensino Superior em Tempos de Pandemia: Diretrizes à Gestão Universitária. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e238957, 2020. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1546144020305469>

LIMA, H. **Estar em casa: notas sobre as reinvenções do cotidiano na quarentena**. Transverso, (9), 61-73, 2021. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/transverso/article/view/5574>

MARTÍNEZ-LÓPEZ, J. A.; LÁZARO-PÉREZ, C.; GÓMEZ-GALÁN, J.; FERNÁNDEZ-MARTÍNEZ, M.; **Psychological Impact of COVID-19 Emergency on Health Professionals: Burnout Incidence at the Most Critical Period in Spain**. Journal of Clinical Medicine. 2020, 9, 3029; doi:10.3390/jcm9093029

MARTINS, V.; ALMEIDA, J.. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Ciberultura**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 215-224, ago. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 22 out. 2020.

MARX, K. **O capital**. São Paulo, Abril Cultural, 1980, v.1, p. 81-257,

MASLACH, SCHAUFELI; LEITER. Job Burnout. **Annual Review of Psychology**, 52, 2001, 397-422.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1993.

PINES, A., ARONSON, E. y KAFRY, D. “Burnout: From tedium to personal growth”, in C. CHERNISS (Ed.) **Staff Burnout: Jon Stress in the human services**. Nueva York: The Free Press, 1981.

SANTA, F.D. BARONI, V. As raízes marxistas do pensamento de Vigotski. **Kínesis**, Vol. VI, n° 12, dezembro de 2014, p.1-16.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Originalmente publicado em 1934).

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Panha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2006. p.103-118.